

Mercado vence disputa com BC

Dólar fechou a R\$ 3,92, a segunda maior cotação do real, em alta de 1,95%

Limitado a intervir de forma tímida no mercado, por conta do baixo nível das reservas cambiais, o Banco Central (BC) perdeu mais uma vez a queda-de-braço com os agentes financeiros. Diante do resultado de ontem, economistas sugerem uma nova alta da taxa básica de juros (Selic), como forma de conter a alta volatilidade da moeda americana e resgatar a confiança na autoridade monetária do país. A moeda americana encerrou ontem em alta de 1,95%,

cotada a R\$ 3,92 para venda e R\$ 3,915 para compra, a segunda maior da história do real.

O Banco Central completou, com mais duas operações, o alongamento de 61,6% da dívida de US\$ 3,6 bilhões que vencem hoje. Entretanto, a segunda operação, na parte da tarde, teve um resultado pouco expressivo, com a rolagem, pelo BC, de apenas US\$ 83,5 milhões do vencimento. Com o resultado de ontem, a PTAX, taxa que remunera os títulos

cambiais na data do vencimento, encerrou a R\$ 3,8744 para compra, beneficiando os detentores dos papéis que vencem hoje.

O economista Carlos Geraldo Langoni, ex-presidente do Banco Central e diretor do Centro de Estudos Internacionais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), afirmou que, diante de tanta volatilidade, só resta ao governo apelar para um "choque de juros", com a elevação da Selic a um ponto capaz de

restituir a credibilidade do BC e diluir os movimentos especulativos do mercado financeiro.

Apesar de impactos negativos da medida, como a redução da produção e a pressão sobre a parcela da dívida indexada à Selic, Langoni avalia que o saldo líquido da iniciativa seria positivo. Primeiro porque a atividade produtiva já se encontra em níveis recessivos. E, em segundo lugar, porque reduziria a cotação do dólar, que também pressiona parte da dívida pública.

- Se, por um lado, a alta dos juros pressionaria a dívida indexada à Selic, por outro desafogaria a outra parcela indexada ao dólar - afirma Langoni, ao reconhecer, no entanto, que a autoridade monetária dispõe de uma margem limitada de manobra para operar tais medidas. Um dos fatores que podem atrapalhar a atuação da instituição é o atual momento eleitoral. Uma medida tão impopular atrapalharia o candidato do governo, José Serra.

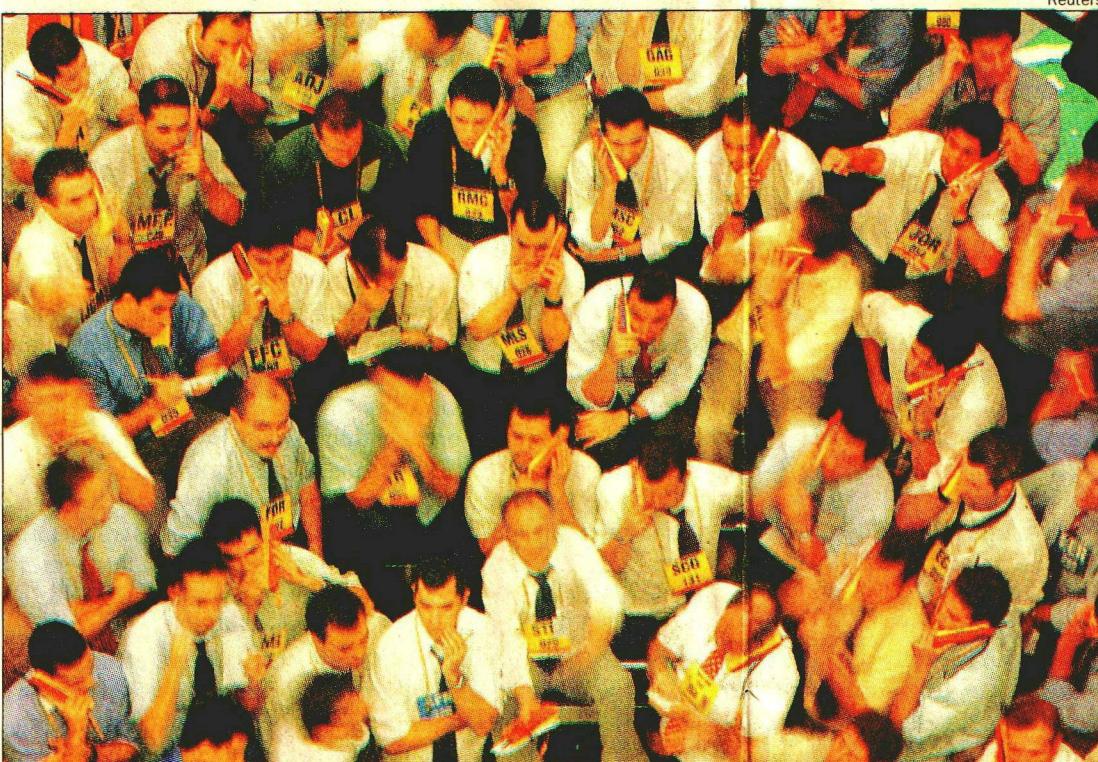
O analista do banco Banif Primus Rodrigo Trotta identifica, no entanto, outras medidas que poderiam ser adotadas pelo BC para tentar conter a escalada do dólar. Ele cita como exemplo a possibilidade de res-

tringir ainda mais os limites de exposição dos bancos à moeda americana. Trotta não acredita, porém, que a autoridade monetária vá recorrer a tais medidas, visto que "não seriam bem recebidas" pelos agentes de mercado.

Ontem, o índice Bovespa - que reúne as 55 ações mais negociadas da Bolsa paulista - fechou no menor nível desde 29 de janeiro de 1999, uma "sexta-feira negra" marcada por boatos de confiscos de poupança, na véspera do primeiro choque de juros da gestão Arminio Fraga no BC.

O Ibovespa encerrou em queda de 1,59%, para 8.370 pontos, com volume negociado de R\$ 705,812 milhões, acima da média diária do mês. Ao longo do dia, o índice chegou a ter uma mínima de 8.224 pontos, baixa de 3,31%. Em 29 de janeiro de 1999, o Ibovespa estava em 8.171 pontos. O risco Brasil, medido pelo Embi+ do banco americano JP Morgan, fechou o dia a 2.282 pontos, alta de 0,30% em relação à véspera. Já o C-Bond, principal título da dívida brasileira, fechou cotado a 49,12% de seu valor de face.

Para Langoni, só choque de juros restituiria credibilidade



Na véspera de vencimento de papéis cambiais, mercado ganha "queda-de-braço" com Banco Central

Com agência Folha